

APRESENTAÇÃO

Descortinam-se novos cenários para a dramaturgia nas universidades brasileiras. Neste início de século, o estudo do drama começa a assumir em nossas instituições de ensino e pesquisa um lugar mais condizente com a importância de uma forma artística que contabiliza mais de vinte séculos de história no ocidente, uma arte que, desde as suas origens, ocupa espaço privilegiado na galeria das mais celebradas obras da nossa cultura, atraindo aplausos que, entretanto, não chegavam a reverberar com intensidade em nosso ambiente acadêmico.

O fato é que parte significativa da nossa produção crítica permaneceu, durante décadas, desatenta em relação ao universo dramático. Em nossas universidades, a dramaturgia apresentava-se, até pouco tempo, como uma das áreas menos investigadas, tanto entre os profissionais das Letras quanto entre os estudiosos do Teatro. Os motivos para essa dupla recusa, contudo, não são difíceis de entrever, se considerarmos as dificuldades de mantermos práticas sistemáticas de investigação interdisciplinar por entre os lambris que nos segregam em departamentos na própria academia.

Sob uma óptica restritiva, disciplinar e segmentada, deve-se considerar que, na perspectiva das Letras, o drama aparece contaminado por uma concretude cênica que escapa a uma investigação estritamente literária, em oposição a gêneros poéticos ou narrativos, que têm merecido maior atenção por parte da crítica, da teoria e da historiografia, sobretudo no contexto brasileiro, onde a dramaturgia não se funda como pilastra da tradição literária. Mesmo nossos mais renomados escritores tiveram suas obras teatrais obscurecidas por sua produção poética ou narrativa, salvo raras exceções. Interessante é notar que, na esfera dos estudos teatrais, o drama também se revela obscurecido, por motivos opostos, por apresentar-se como uma área excessivamente literária, poética demais, sobretudo quando se considera que a própria arte teatral no século XX priorizou o espetáculo, concedendo especial atenção aos recursos cênicos, à encenação, à arte e ao corpo do ator. Diante desse duplo esquecimento de inclusão institucional, permanecem os alunos, de Letras e de Artes Cênicas, obrigados a conviver com uma formação lacunosa, distanciados dos textos dramáticos, muitas vezes sem que as implicações dessa perda tenham sequer consciência.

Contrariamente ao que ocorre em nossa realidade, o ensino universitário em outros países ocidentais confere ao drama o lugar que lhe é devido na esfera das artes. A importância e a permanência da dramaturgia, um gênero que reflete seu brilho no universo artístico desde o esplendor do teatro grego, o reconhecimento de que parte significativa da própria teorização sobre o literário e o teatral deu-se no ocidente em função do texto dramático, o aplauso altissonante a uma linhagem de dramaturgos que grafaram seus nomes com letras de ouro na história das Belas Letras, tudo isso diz com eloquência que o estudo do drama não pode faltar na formação acadêmica dos nossos profissionais.

Devemos concordar, entretanto, que não é fácil resolver institucionalmente as questões de inter-, multi- e transdisciplinaridade que pululam nos estudos sobre a arte dramática. Gênero fronteiroço, texto escrito para a cena, o drama apresenta-se, via de regra, como um monumento de complexidade, fazendo convergir, em sua transfiguração das Letras às Artes do Espetáculo, instigantes e intrigantes sendas de observação originadas dos mais diversos campos do conhecimento e da experiência humana, concedendo um tratamento alquímico aos elementos todos que engendram essa arte desde sempre destinada a fazer representar no teatro da nossa história a divina comédia humana.

Assim é que o estudo do drama parte dos sedutores domínios das artes da palavra, transportando-nos para além da poesia e da retórica, convidando-nos a visitar o universo do teatro, da música e da dança, instaurando perspectivas que reclamam incursões por veredas que tanto se podem abismar por entre os impérios dos sentidos, desvelar os meandros das representações do corpo, dar-se com as sagas das paixões, elevar-se pelas regiões inefáveis da vida do espírito... Nessa aventura pelo universo dramático, chega-se também aos portais das artes visuais e plásticas. Por vezes, a escala artística se amplia e nossa vista se ergue para vislumbrar a arquitetura dos teatros, ou nossos olhares esbarram na concretude das edificações teatrais, sendo possível ainda advinhar nos textos secretos do fantástico arsenal de artifícios cênicos, desde os mais rudimentares guindastes com os quais os antigos gregos erguiam seus deuses no ar até os mais recentes inventos tecnológicos, o texto dramático sendo, em última instância, uma caixinha de surpresas da qual emerge sempre uma realidade virtual potencialmente afeita a desafiar nossa imaginação, parceiros que nos tornamos nesse jogo de fazer cenas com palavras. Tudo isso sem falar nas maquinações ficcionais dos enredos, nas estratégias de caracterização física e psicológica dos personagens, na força impactante dos diálogos, dos monólogos ou mesmo dos silêncios dramáticos, nas potencialidades de tratamento do trágico e do cômico, nos efeitos emocionais catárticos, no engendramento do prazer e do entretenimento, ainda quando se teatraliza dor e sofrimento... É assim que o drama deixa, em suas representações das ações da vida, um rastro luminoso, cada época convidando-nos a reviver seu mundo representado no teatro como um espelho da experiência humana, permitindo-nos, nessa configuração mimética, espreitar essa cópia da realidade sob perspectivas filosóficas, políticas, sociológicas, antropológicas, arqueológicas, historiográficas, a história do drama, como diria John Gassner, tendo sempre muito a nos contar sobre nós mesmos.

Parece claro que somente um pacto de consentimento com a pluralidade de discursos no âmbito da academia poderia acionar as inovadoras investidas sobre o universo dramático que hoje se verifica entre nós, o número assombroso de novas edições de textos dramáticos, em versões nacionais ou traduzidas, sendo talvez o índice mais expressivo de um impulso mercadológico que sinaliza a crescente atenção concedida ao drama na atualidade em nosso país. Não surpreende, então, que os artigos publicados no presente Dossiê sejam tão diversificados em seus temas, assim como em suas abordagens metodológicas. Atentos que somos à multiplicidade de saberes acolhidos pelo universo dramático, exultamos em

organizar uma recolha de textos que não apenas compõem um mosaico de reflexões sobre o drama, mas o fazem com expressiva competência, ofertando-nos uma singular amostra desse momento promissor que sinalizamos como um novo tempo para o estudo do drama no cenário nacional.

Não por acaso, os artigos escolhidos são também muito sedutores, seja porque projetam novos olhares sobre antigas tradições, como ocorre com os dois textos sobre o legado grego; ou porque adotam perspectivas analíticas ousadas, desafiadoras, por exemplo, trazendo Hamlet para o terceiro milênio, ou ofertando-nos impressões da Rússia através do teatro de Tchekov, lançando-nos pelos desfiladeiros da sexualidade com Wedekind, vislumbrando os desvios de Pirandello em relação ao naturalismo; seja porque resgatam cenários importantes da dramaturgia e do teatro brasileiros, desvendando a metalinguagem em Machado de Assis, mapeando os territórios da masculinidade em Nelson Rodrigues, acompanhando Ariano da feira ao palco, buscando no fogo a poética da adaptação teatral de *Sarapalha*, ou, por fim, reescrevendo a história da dramaturgia brasileira sob a perspectiva do teatro da Amazônia.

Pode-se imaginar o grau de dificuldade para selecionar, dentre os artigos a nós enviados, aqueles que deveriam compor este volume. Sem descuidar de reconhecer os méritos da maior parte da produção a nós encaminhada, mas sem poder prescindir de elevados critérios de qualidade acadêmica para a composição do presente Dossiê, tentamos, com a destreza possível, erigir parâmetros que nos levaram a selecionar os títulos ora dados a público. Nada disso teria sido possível sem a inestimável parceria que firmamos com dois reconhecidos pesquisadores do texto dramático, os professores doutores Arturo Gouveia de Araújo, docente do Programa de Pós-Graduação em Letras desta Universidade Federal da Paraíba e Alex Beigui de Paiva Cavalcante, docente e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, queridos colegas e amigos, a quem aproveitamos para agradecer o empenho e a dedicação em contribuir para a organização de um exemplar que atestasse o nosso intento de fazer desta edição da Revista Graphos um portal de divulgação digno desse momento histórico em que a dramaturgia desponta com inegável vigor no espaço das nossas pesquisas acadêmicas.

Não poderíamos encerrar esta apresentação sem dizer que este Dossiê tem ainda outro sentido emblemático, tendo sido concebido como uma edição comemorativa dos 35 anos de criação deste Programa de Pós-Graduação em Letras. Que o espírito de pioneirismo e de resistência no campo das Letras seja reconhecido também nessa posição de vanguarda que há anos assumimos em relação ao ensino e à pesquisa sobre o drama, esta edição da Graphos podendo ser vista, portanto, como marco simbólico de mais uma das muitas fronteiras transpostas ao longo de nossa trajetória.

Sandra LUNA
Programa de Pós-Graduação em Letras/UFPB

